
OS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE C EM UBERLÂNDIA: UMA CARACTERIZAÇÃO

André Luís Andrade dos Santos
Prof. do Dep. de Geografia - FIT

Vera Lúcia Salazar Pessôa
Profª Dra. do Dep. de Geografia - UFU

RESUMO: *Este artigo refere-se à caracterização dos pequenos produtores de leite "C" em Uberlândia, responsáveis pela maior parte do leite produzido no município. Mostra também o papel desempenhado pela CALU (Cooperativa Agropecuária de Uberlândia) no processo de comercialização do leite na região.*

Palavras Chaves: *pecuária leiteira - pequenos produtores - cooperativa - comercialização.*

ABSTRACT: *This paper refers to the characteristics of small dairy farmers who, in Uberlandia, are responsible for most of the milk produced there. It also shows the role played by CALU (Cooperative of Uberlandia) in the milk commercialization process in the region.*

Key Words: *dairy cattle, small farmers, cooperative, commercialization*

INTRODUÇÃO

A política de desenvolvimento, implantada no Brasil a partir da década de 50, estimulou o processo de mecanização da agricultura e acelerou o uso de insumos modernos como fertilizantes, inseticidas, sementes, adubos e corretivos que passaram a ser usados, em maior escala, a partir dos anos 60, com a implantação, no País, de fábricas de máquinas e insumos agrícolas, vindos de outros países.

A partir desse momento a organização agrária do País começou a passar por grandes mudanças, já que o grande capital subordinou o trabalho do camponês, através da incorporação de modernas tecnologias, implantando uma política agrícola que incentivava o camponês a adquirir cada vez mais produtos e insumos das grandes empresas. Essa subordinação do pequeno produtor ao capital foi incentivada também pelo capital financeiro e pelo capital dos

intermediários (cooperativas, indústrias de laticínios...), que aos poucos mudaram as relações existentes entre o produtor e o mercado.

Até esse momento o camponês produzia para garantir, em primeiro lugar, a sua subsistência e de seus dependentes. Com a subordinação ao capital, esse produtor passa a se especializar em um determinado produto destinado ao mercado (os outros produtos necessários à sua sobrevivência passaram a ser adquiridos na cidade), de acordo com os interesses do capitalismo.

Dessa forma, o pequeno produtor possui os meios de produção (terra, trabalho...), mas no mercado se torna um reprodutor de mercadorias, ou seja, vender para comprar, realizando o ciclo mercadoria-dinheiro-mercadoria. Essa situação tem se agravado nos últimos anos. Em muitos casos significou a perda de suas terras, restando-lhe apenas a migração em direção aos grandes centros

urbanos ou então trabalhar como assalariado nas grandes propriedades.

A pecuária leiteira, inserida no contexto da economia nacional, também sentiu as transformações por que passou a pequena propriedade. Isto porque o leite é um produto alimentar básico na dieta da população brasileira (assim como o arroz, o feijão...) e os problemas com a sua comercialização se tornaram mais evidentes quando os centros urbanos cresceram e expulsaram, para lugares mais distantes, os pequenos produtores que, até meados da década de 30, comercializavam o leite diretamente à população.

Estudando a bacia leiteira de Uberlândia, observamos que o Município tem-se destacado como importante e influente centro comercializador de leite e seus subprodutos, não só do Triângulo Mineiro, mas de todo o Estado de Minas Gerais e até mesmo de outras áreas.

Para entendermos a importância do papel desempenhado pelo Município de Uberlândia no que se refere à produção do leite, o objetivo do presente trabalho é conhecer as condições de vida e trabalho dos pequenos produtores de leite C, responsáveis pela maior parte do leite produzido no município.

A escolha desses produtores teve como ponto de partida o fato de que o leite, a nível de suas propriedades qualitativas (físico-químicas) é um produto essencial para a vida humana. Entretanto, devido a diferentes padrões tecnológicos existentes, nos seus respectivos processos de produção e ao impacto diferenciado da política governamental de regulamentação de preços, três tipos de leite são consumidos no País. Em termos econômicos são considerados três produtos distintos: leite tipo A, B e C. Essa diferenciação não só impõe distintas formas de organização de produção, implicando em distintas exigências de investimentos, para cada tipo de leite, como também diferencia os produtores

entre si em, basicamente, duas categorias: os produtores simples de mercadoria e os produtores capitalistas.

1 - A PECUÁRIA LEITEIRA EM UBERLÂNDIA E O PAPEL DA CALU

A produção de leite na região iniciou-se com o aperfeiçoamento e adaptação das raças zebuínas. Inicialmente, na cidade de Uberaba os fazendeiros estabeleceram plantéis de alta qualidade e definiram uma linhagem "nacional" - o "indubrasil".

Em Uberlândia, os primeiros animais de melhor linhagem (raça holandesa) foram introduzidos pela proprietária Júlia Marquez, a partir de 1979. Entretanto, alguns animais não puderam ser comercializados na região porque o clima não era adequado a esse tipo de raça, somada à falta de manejo próprio. A reversão desse quadro ocorreu com a atuação da CALU (Cooperativa Agropecuária de Uberlândia), que vem realizando trabalhos no sentido de melhorar a qualidade do rebanho. Para isto, a cooperativa fornece o reprodutor e faz um acompanhamento. Assim ano a ano, os produtores começam a descartar o rebanho improdutivo.

Em apoio aos produtores, a cooperativa estabelece programas de melhoramento genético, repassando tourinhos melhorados e financiando a compra de sêmen de touros provados.

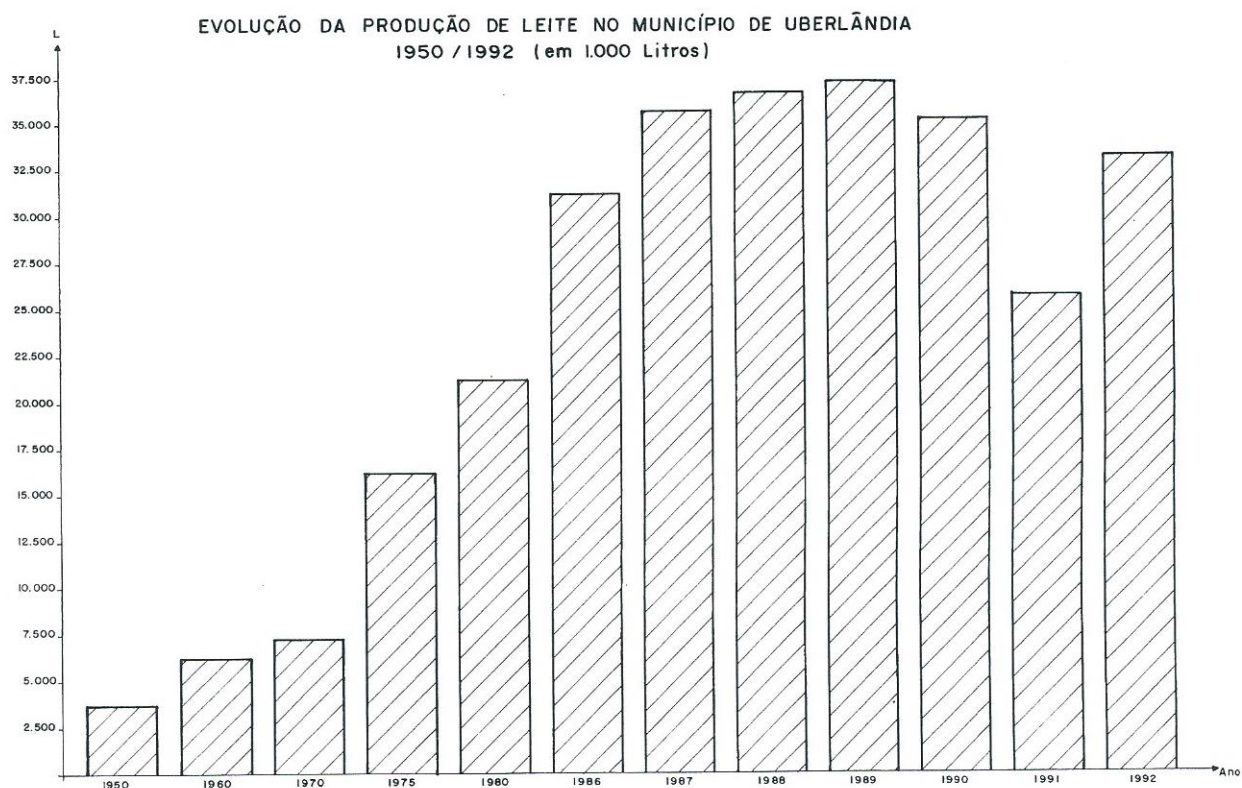
Nos últimos 30 anos a cooperativa transformou a região numa grande bacia leiteira, ressaltando-se que, apesar da queda do número de cabeças de gado com dupla finalidade (corte e leite) no município, em 1980, o gado de leite cresceu no mesmo período, assim como o gado do Triângulo Mineiro, com a mesma finalidade (Tabela 01).

Entretanto, apesar dos programas implantados pela CALU no município de Uberlândia, a maioria dos produtores está

Tabela 01 - Finalidade do Rebanho no Triângulo Mineiro e Uberlândia - 1970-1980.

A n o	Número de Cabeças					
	Corte		Leite		Corte e Leite	
	T.M.	Uberlândia	T.M.	Uberlândia	T.M.	Uberlândia
1970	947.928	40.487	355.005	20.568	331.997	25.074
1975	1.550.969	63.518	507.766	38.327	204.625	30.300
1980	2.178.392	106.867	737.710	49.594	361.023	15.213

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários - MG - 1970 - 1975 - 1980.



Des.: NEJJE

Figura 1

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários - MG - 1950 - 1960 - 1970 - 1975 - 1980 - 1985
Pesquisa Agropecuária do Município - 1986 - 1992

voltada para a produção do leite C. Devido à falta de capital, acabaram por criar gado comum, o que não afetou a produção de leite, pois analisando o município de Uberlândia no período de 1950 a 1992 (Figura 01), verifica-se um crescimento onde, apesar da crise vivenciada pela pecuária leiteira, o município conseguiu superar os problemas de ordem técnica e econômica.

Com relação à distribuição e comercialização do leite, o que se constata é que em Uberlândia, e também a nível nacional, o crescimento do centro urbano provocou uma supervalorização das terras urbanas e nas áreas circunvizinhas. Com o aumento da demanda de lotes urbanos, as pequenas propriedades próximas ao centro urbano começaram a ser loteadas, levando os pequenos produtores a se distanciarem cada vez mais do mercado consumidor, tornando inviável a venda do leite diretamente à população, situação esta que se agravou com as condições higiênicas impostas pelo Estado, impossíveis de serem cumpridas pelos pequenos produtores por falta de capital.

Com o objetivo de organizar a comercialização do leite no Município surgiu, nos anos 60, a CALU, onde todos os produtores que quisessem comercializar o seu leite teriam que vendê-lo à Cooperativa que representava, a partir daquele momento, o elo entre o produtor e a população (mercado consumidor).

A Cooperativa, em 1992¹, produziu cerca de 239.000 litros de leite/dia *in natura*; desse total, 50% correspondia à produção do Município de Uberlândia. O restante da produção era oriundo dos municípios de Campina Verde, Gurinhatã, Indianópolis, Monte Alegre de Minas, Ituiutaba, Tupaciguara, Araguari, Uberaba e Prata (FIG. 02). O número total de cooperados em 1992² correspondia a

2145 e sua classificação foi feita de acordo com a quantidade de leite produzido (Tabela 02).

O critério adotado pela cooperativa para classificar um produtor em pequeno, médio e grande foi feito com base no número de litros de leite produzido, ou seja, a produção diária de leite. Para a Cooperativa o importante é a quantidade de leite produzido e não o tamanho do rebanho ou da propriedade.

Em 1992, a participação diária de pequenos produtores foi de 117.164 litros de leite; dos médios produtores, de 80.271 litros de leite e dos grandes produtores, a participação foi de 41.276 litros de leite. Quanto ao volume médio de produção de leite dos pequenos produtores, este foi de 11 a 124 litros e de 174 a 418 litros para os médios produtores. Para os grandes produtores, o volume variou de 479 a 1.246 litros.

Com relação ao transporte do leite das propriedades produtoras até a CALU, este é feito por caminhões que pertencem a terceiros. O produtor paga pelo transporte o equivalente a 13% sobre o preço do litro de leite.

Quanto ao preço do leite no período da "seca", a cooperativa paga um preço melhor pelo litro de leite (leite extra-cota). Entretanto,

Tabela 02 - Número de cooperados da CALU e sua classificação por categoria de produção Uberlândia - 1992.

Produção leite/dia	Número de cooperados	Classificação
1 - - 150	1.816	pequenos
151 - - 450	276	médios
acima 451	53	grandes

Fonte: CALU - Pesquisa de Campo - 1992.

¹ Dados de 1992, quando a pesquisa foi realizada.

² Idem.

no período das “águas”³, o produtor chega a receber a metade do preço do litro de leite, considerado excesso. Isto porque não há mercado para esse leite, pois o consumo da população é o mesmo, ou seja, não aumenta. Na visão da Cooperativa, se uma pessoa consumir um copo de leite por dia no período de seca, este consumo será igual no período das “águas”.

O leite **excesso** será estocado e industrializado, e posteriormente usado para fazer leite em pó, doce de leite, queijos, etc. Para a Cooperativa o estoque desse leite fica caro e por isso ela paga menos ao produtor. Esses produtos industrializados pela CALU são comercializados no município, em outras regiões de Minas Gerais e até mesmo em outros estados.

Como a região de Uberlândia possui uma infra-estrutura adequada, localiza-se numa região estratégica e ainda é possuidora de matéria-prima, além da CALU outras empresas de laticínios se instalaram no Município nos últimos anos, como por exemplo, a PROLAT (1985) e a VIGOR (1989), que têm na região apenas a função de comprar o leite do produtor. Este leite é resfriado e enviado para São Paulo, onde é industrializado e comercializado.

Apesar do surgimento de empresas de laticínios no município, a CALU é a que se destaca no contexto do comércio do leite na região.

2 - O PERFIL DOS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE “C” EM UBERLÂNDIA

Frente à importância da pecuária leiteira para o município, realizamos entrevistas⁴ junto aos pequenos produtores de leite C (conforme

classificação da CALU / Tabela 02), para entendermos a realidade desses produtores e os principais problemas por que passa a pecuária leiteira do município, inserida no contexto nacional.

Todas as propriedades entrevistadas produzem na faixa de 1 a 150 litros de leite por dia, estão localizadas no Município de Uberlândia, numa distância que varia de 10 a 110 Km em relação à sede do Município, e apresentam uma área que varia de 07 a 377 ha. Esses produtores, por falta de capital e tecnologia, produzem o leite C.

A maior parte dessas propriedades foi adquirida através de compra-herança (35,7% dos entrevistados); todas as propriedades são dirigidas pelos próprios proprietários; a maioria reside nas propriedades (61,1% do total de entrevistados). Os outros 38,9% residem na cidade e exercem atividades diversas (bancários, escriturários, lanterneiros e aposentados). Dos entrevistados, 49,2% possuem apenas o curso primário; 13,4% possuem o ginásio incompleto e os outros 37% possuem o curso superior.

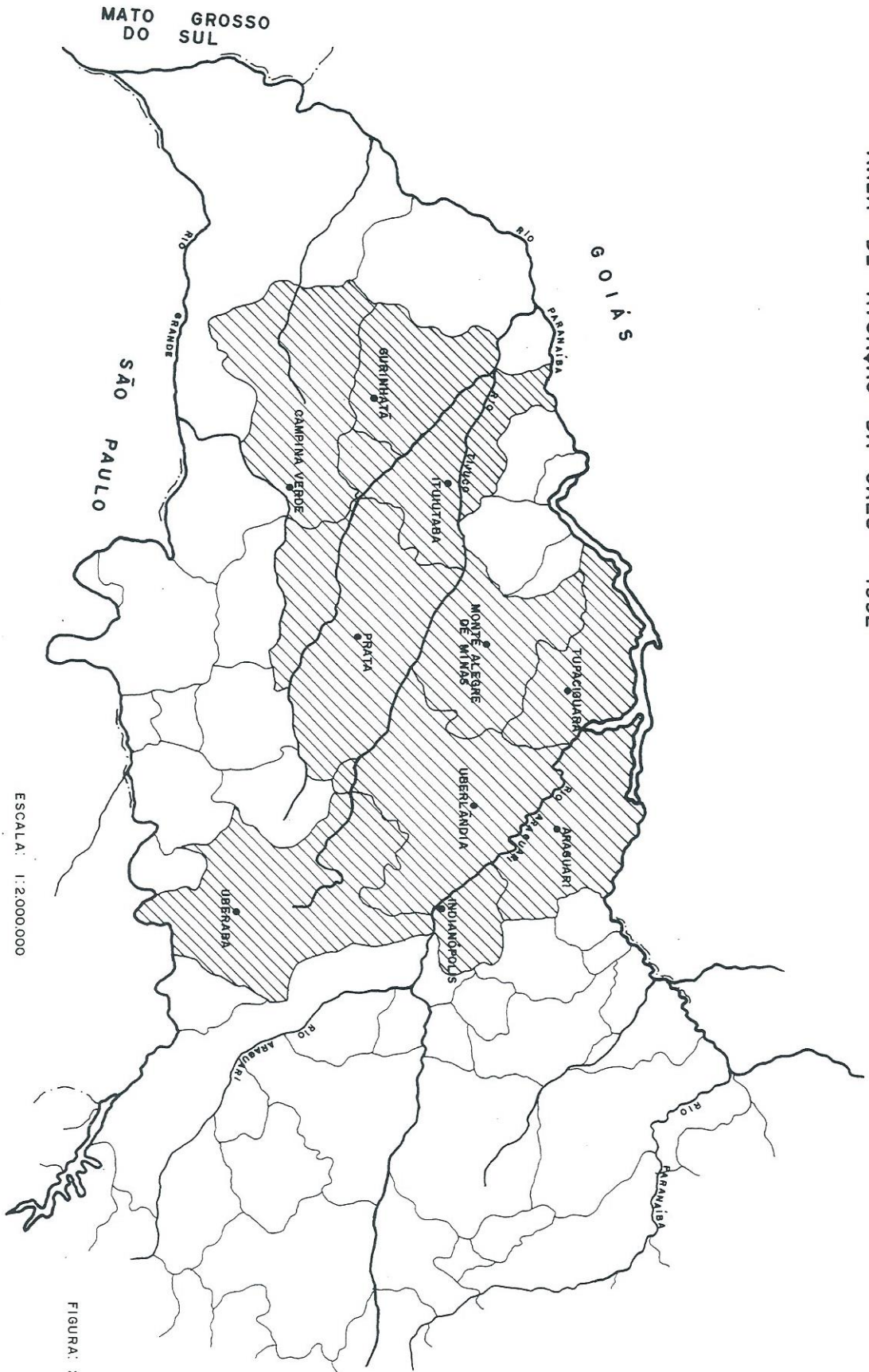
Quanto ao uso da terra, a lavoura permanente é marcada pelo capim napier e pela cana-de-açúcar, que servem de suplementação para o gado no período da seca. O milho, o arroz, o feijão e a mandioca são cultivos encontrados na lavoura temporária. Há também um pequeno grupo que cultiva hortaliças.

Nas áreas de pastagens predominam pastagens plantadas (78,2% dos 7.200 hectares que perfazem a área total de pastagens plantadas e naturais das propriedades visitadas). Nas áreas de capim plantado predominam o capim brachiária, o humidícula, o andropolo e o jaraguá. Encontramos ainda nessas propriedades áreas

³ Denominação atribuída ao período de chuvas.

⁴ Entrevistas realizadas com 67 pequenos produtores, correspondendo a 10% do total de pequenos produtores filiados à CALU.

ÁREA DE ATUAÇÃO DA CALU - 1992



de terras inaproveitadas (matas naturais, ladeiras, brejos...).

A maior parte da criação de gado destina-se à produção de leite, e do total de 5.380 cabeças informadas, 61,7% é da raça mestiça; 21,4% holandesa e 16,9% girolanda. Apenas 2,9% dos entrevistados possuem gado de corte. O número de vacas em lactação atinge 1.119 cabeças, variando de 07 a 30 vacas por propriedade, com uma média de 02 a 05 litros por vaca, diariamente. No período da seca o gado recebe uma alimentação extra (capim napier, cana-de-açúcar e, quando há possibilidade, o milho e a ração). Essa suplementação é fornecida para aumentar a produção de leite e com isto é possível assegurar o preço do **leite extra-cota**, que lhe garantirá o seu sustento na seca e mesmo no período das "águas", já que o **leite excesso** é bem mais barato.

A mão-de-obra utilizada nas propriedades entrevistadas é a familiar e varia de 1 a 5 pessoas (entre o pai, a esposa, os filhos, as noras, os genros). Exercem qualquer atividade, dependendo da necessidade, conforme o relato de uma proprietária: "*Meu esposo foi na cidade vender verduras, ele chega de tardinha, então eu tenho que apartar as vacas*".

Os serviços na propriedade podem variar durante o dia. Geralmente começam por volta das 04:00 horas da manhã e vão até às 07:00 horas da noite, como por exemplo: tirar leite, cuidar da lavoura, da cerca, dos animais e outros. A mulher, além de ajudar o marido, ainda tem que fazer as tarefas de casa (lavar roupa, passar, cozinhar, etc). Esses afazeres prolongam-se por todo o dia, sendo impossível para esses camponeses trabalharem em outras propriedades.

Dos entrevistados, 44,7% utilizam a mão-de-obra assalariada permanente. Esses trabalhadores recebem casa para morar,

ganham de 1 a 2 salários e, às vezes, podem plantar milho, arroz, feijão; criar porcos, galinhas. Já a mão-de-obra temporária é utilizada apenas por 5,9% dos entrevistados, principalmente na época de plantio e colheita das lavouras, ou ainda para roçar pastos e arrumar cercas.

O "lucro" obtido com a venda do leite para a CALU, VIGOR ou PROLAT, em muitos casos não permite a adequada sobrevivência do produtor, o que o torna simples reprodutor de mercadorias. Dos entrevistados, somente 2,9% não vendem o leite para a Cooperativa. Para eles: "*Vender queijo e requeijão me rende um lucro de 50% a mais que vender o leite para a CALU ou a VIGOR*". Os outros 97,1% vendem o leite para a CALU e recebem pelo litro de **leite extra-cota** a importância de Cr\$ 1.800,00 (janeiro/ 1993); atualmente⁵, cerca de R\$ 0,23 por litro. Pelo **leite excesso** esses produtores recebem cerca de 50% a menos do valor do litro de leite **extra-cota** e pagam um frete de 13% sobre o litro de leite para o transporte até a cooperativa, que é feito por caminhões de terceiros. Frente a essa situação, 11,9% dos produtores possuem outra fonte de renda, que pode ser utilizada para investir na propriedade. Os outros 88,1% são obrigados a vender vacas e bezerros para suplementar a sua renda.

Pela falta de capital, a modernização nessas propriedades é pequena e não há assistência técnica. Em alguns casos a CALU fornece um técnico e o produtor paga apenas os remédios e o combustível. Para se ter uma idéia da baixa modernização, a renovação da pastagem é feita de forma bastante rudimentar: o produtor ara a terra, joga a semente (não selecionada) e, quando há adubo, mistura-o à terra e deixa a natureza fazer o resto.

Mesmo com todas as dificuldades, 7,4% dos entrevistados colocam que a atuação do Governo no setor agropecuário é boa. Os demais (92,6%) consideram que o Governo

⁵ 1995

precisa abaixar os preços dos insumos, aumentar os prazos dos financiamentos, com juros mais baixos e ainda manter um estoque regulador. É de opinião ainda que o próprio Governo deve controlar a qualidade do leite produzido, aumentando a fiscalização sobre as cooperativas e empresas que comercializam o leite.

Para enfrentar as dificuldades na comercialização do leite os produtores se organizam em associações (Sindicato Rural, CALU...). No entanto, nota-se que apenas 5,9% dos produtores entrevistados utilizam o Sindicato Rural para adquirirem Guia para o transporte de gado. A maior parte das participações no Sindicato Rural ou na CALU fica por conta dos médios e grandes produtores. Isto porque os pequenos produtores sentem que nenhuma das associações pode resolver seus problemas junto ao Governo ou junto ao comércio de leite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças que ocorreram no campo brasileiro foram provocadas pelo próprio desenvolvimento capitalista, que operou no sentido de tornar a unidade camponesa cada vez mais dependente dos mecanismos estruturais do mercado (compra de insumos, instrumentos de trabalho, alimentos...).

No município de Uberlândia a produção de leite assumiu os contornos de uma produção mercantil, onde a grande maioria dos pequenos produtores tem a sua reprodução assegurada pelo mercado. O "lucro" obtido com a venda do leite não possibilita acumulação de capital para sua sobrevivência. O camponês não tem bons rendimentos; então, o "lucro" é pouco e, além disto, tem que comprar insumos, produtos veterinários, alimentos necessários à sua sobrevivência e de sua família. É um círculo vicioso, ou seja, apenas a venda e a reposição de mercadorias, o que faz desse produtor um simples reprodutor de mercadorias.

A pequena produção de leite em Uberlândia tem resistido às custas de sacrifícios dos membros da unidade familiar. Os problemas enfrentados pelos pequenos produtores de leite C no município são diversificados e vão desde a mão-de-obra, a falta de tecnologia e capital, a compra de insumos e as dificuldades em conseguir empréstimos. E o mais crítico é que esses produtores não percebem que são "espoliados". Se percebem, sentem-se "oprimidos" em tornar públicas as suas insatisfações.

Para os pequenos produtores, é difícil deixar de vender o leite, pois o que recebem com a venda do leite é o que lhes garante a sobrevivência e lhes permite serem donos dos meios de produção (terra, força de trabalho...). E todos os problemas por que passa a pequena produção no Município, inserida no contexto nacional, são resultado da falta de uma política para o setor agropecuário.

A melhoria do setor leiteiro deve ser resultado de uma política bem elaborada, com uma participação direta do Governo, permitindo ao produtor, especialmente o pequeno, a sua sobrevivência. É necessária, também, uma tecnificação da propriedade, que lhes permita obter maiores rendas e, com isto, um melhoramento do rebanho, possibilitando ao consumidor acesso a um melhor produto e a preços mais acessíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAR. *Realidade rural: Triângulo Mineiro* - n.2. Uberlândia: ACAR, out. 1974. 152 p.
- FLEURY, Maria Tereza L. *Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil*. São Paulo: Global, 1983. 152 p.
- FREDERIQ, Antoinette. A babá dos brasileiros: uma multinacional no setor leiteiro. In: *Agricultura, Cooperativas e Multinationais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.93-143.

GOULART, Maura B. *Expansão agroindustrial e desenvolvimento municipal: a Nestlé em Ituiutaba*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1990.30 p. (Monografia, graduação em Ciências Econômicas).

GRAZIANO DA SILVA, José. A pequena produção e as transformações na agricultura brasileira. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n.63, p.56-67, jul.1980.

ORTEGA, Antonio César et al. *A industrialização do leite: o Estado e o setor de bens de capital*. Campinas: NPCT/ UNICAMP, 1987. 121 p. (relatório final).

RODRIGUES, A.M.P. Renda da terra, trabalho, espaço e capital: os tiradores de leite de Catuçaba (SP). *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, nº 62, p.5-45, 2º sem., 1985.

WEID, Jean von der. Alguns comentários sobre a problemática da pequena produção agrícola do Brasil. *Proposta*, Rio de Janeiro, n. 27, p.3-8, nov. 1985.